

EDITORIAL

Com este número, a editoria da *Revista* e a diretoria da *SBHC* honram o compromisso em manter a periodicidade e a pontualidade desta publicação. Não apenas para que se atinja a meta de sua indexação em maior número de bases bibliográficas de qualidade, mas também e, sobretudo, por representar o respeito aos autores e aos leitores, que assim têm mais rapidamente acesso às reflexões e aos resultados de pesquisa atualizados, fomentando o debate de qualidade em nosso campo de atuação.

De igual modo, este número também reflete a perspectiva plural das pesquisas na área de História da Ciência e da Tecnologia, em termos temáticos, metodológicos e temporais, bem como sua diversidade geográfica: os autores dos sete artigos, dos três resumos de teses e da resenha pertencem a instituições de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, além de Argentina – continuando, assim, o esforço iniciado na editoria anterior em ampliar a abrangência e a penetração da *Revista Brasileira de História da Ciência*.

O primeiro artigo, de Gustavo Caponi, traz uma contribuição oportuna ao tema sempre atual do darwinismo, analisando o mecanismo de seleção natural na obra *Sobre a origem das espécies*. Para o autor, “o adaptacionismo deve ser considerado como um corolário que Darwin formulou para explicar a descendência com modificações. Porém, esse corolário, que inicialmente trouxe dificuldades para a teoria, acabou gerando um fértil programa de pesquisa que se desenvolveu paralelamente àquele cujo objetivo era a reconstrução da árvore da vida.” Nesse contexto, o artigo salienta e demarca o relevante aporte de Wallace, original em si mesmo.

O darwinismo – desta vez, no Brasil e, mais especificamente, na Bahia – também se faz presente no artigo de Ronnie Almeida e Charbel El-Hani, que analisam, de forma aprofundada e com fontes inéditas, a famosa rejeição à tese de Domingos Guedes Cabral pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1875. Recusando explicações simplistas, os autores apontam para uma interpretação multicausal do fato, conjugando aspectos políticos, religiosos, sociais e científicos que conduzem o leitor pelos meandros do fazer científico no século XIX no Brasil.

Permanecendo no século XIX, temos a interessantíssima análise da criação do Observatório de La Plata, na Argentina, de autoria de Marina Rieznik. A autora mostra como se articulam – e se opõem – cientistas nacionais e estrangeiros (no caso, franceses), instituições preexistentes (o Observatório de Córdoba), imprensa (e suas caricaturas) e público, numa trama que constrói a atividade científica *de facto*.

A trama da ciência, agora num passado bem recente, é explicitada no artigo de Victor Pelaez sobre a legislação para biossegurança. Numa chave interpretativa que circula pelos Estudos Sociais da Ciência e análise de Políticas de Ciência & Tecnologia, este autor mostra que as “disputas em torno das atribuições e decisões da Comissão Técnica de Biossegurança (CTNBio) revelam um fenômeno de demarcação do saber científico no qual o espaço de ação dos membros da CTNBio é redefinido em função do posicionamento dos atores sociais, dos interesses econômicos em jogo e do confronto que se estabelece em diferentes instâncias do poder público. Longe de ser o resultado de um processo de discussão técnico-científica, revela-se um instrumento de representação de interesses políticos, econômicos e pessoais, intermediados pela ciência.”

Ciência e política se entrelaçam, novamente, no artigo de Luciene Carris sobre a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Em plena Primeira República, a Sociedade investe nas ações acadêmicas que visam a “inventar” e difundir o patriotismo. Seus projetos direcionavam-se para o despertar de sentimentos cívicos nos brasileiros, por meio da valorização dos aspectos físicos da natureza exuberante do país.

A natureza americana é, por sua vez, o tema do penúltimo artigo, de autoria de Márcia Alvim e Sílvia Figueirôa, que apresenta uma análise das *Histórias* missionárias dos franciscanos Toribio de Motolinia (*Historia de los indios de la Nueva España*) e Bernardino de Sahagún (*Historia general de las cosas de la Nueva España*) em seus relatos sobre o entorno natural da região do Vale do México, elaborados em meados do século XVI, ou seja, início da colonização espanhola da Nova Espanha. Nestes relatos, observa-se como essas visões ainda se pautavam por tradições de cunho medieval, numa mistura típica do forjar das ciências modernas.

O último artigo, de Alex Vieira dos Santos, nos leva de volta à Bahia, na segunda metade do século XX. A partir de fontes orais (entrevistas e relatos) de cientistas das áreas de Ciências Agrárias, Física, Química e Ciências da Saúde o autor discute o desenvolvimento científico baiano, dentro do referencial da ciência periférica, concluindo que tal contextualização deve ser aplicada com reservas.

Por fim, a resenha e os três resumos de teses nos atualizam em termos das pesquisas mais recentes que têm vindo à luz em textos mais longos.

Heloisa Gesteira e Sílvia Figueirôa
Editoras